

## ÍNDICE

PREFÁCIO – O HOMEM QUE LUTOU CONTRA A TINA – E MARCOU PONTO, <i>Nicolau Santos</i>	7
APRESENTAÇÃO: UM PONTO DE VISTA	13
CAPÍTULO 1. PORTUGAL: DISCUTIR ECONOMIA E COMPREENDER UMA PERIFERIA	21
1. Introdução	21
2. O que é uma economia e como é que podemos discutir economia?	23
3. Portugal: que país é este?	31
4. Como é que isto funciona? Ciclos de crescimento ou formas de economia política?	35
4.1. A primeira industrialização “moderna”: a economia política de uma indústria sem economia nem país (1960-1974)	40
4.2. Uma tentativa para chegar a algures: a prioridade aos mecanismos da estruturação interna e a economia política da democracia (1974-1993)	51
4.3. A financeirização contemporânea: um capitalismo desfocado da economia; a economia política da austeridade e do empobrecimento (1993-...)	59
4.4. Uma economia política da recuperação?	70
5. Uma economia sempre aquém do país. Por que é que Portugal é uma periferia? As várias formas de uma dependência persistente	71
6. E que futuro temos pela frente?	76
7. Conclusão: encarar a economia como realidade complexa	78

CAPÍTULO 2. PORTUGAL: UMA PERSPETIVA DE SEIS DÉCADAS	79
1. Introdução	79
2. Quatro ciclos de crescimento da economia portuguesa (1960-2002): um conjunto de transformações radicais até um quadro de estagnação e difícil recuperação	81
3. Sete tópicos para identificar uma economia	91
3.1. A economia e as pessoas: emprego e inclusão pelo trabalho (e a emigração como contraprova) para compreender uma condição básica das economias estruturadas	94
3.2. O valor criado: a tendência de crescimento e as diferentes razões da multiplicação por seis da riqueza criada na economia portuguesa	100
3.3. A repartição dos rendimentos criados e os contributos para o crescimento	103
3.4. A capacidade produtiva: um sistema de provisão com insuficiências persistentes e uma ambição difícil de realizar	108
3.5. A especialização: a dimensão organizacional da economia	114
3.6. Os espaços lá de fora: a inserção geoeconómica de Portugal	121
3.7. Uma economia da dívida: formas da dependência até uma economia empobrecida	128
4. O ponto de chegada: depois do filme, qual é o retrato da economia portuguesa de hoje?	131
5. Conclusão: olhar a economia por dentro para ver os pontos fulcrais	135
CAPÍTULO 3. A ECONOMIA POLÍTICA DO EMPOBRECIMENTO PORTUGUÊS: FRATURA EUROPEIA, SOBREDETERMINAÇÃO INSTITUCIONAL E CRISE	137
1. Introdução	137
2. Portugal: regressar à década de noventa para compreender a economia política da estagnação, da austeridade e do retrocesso	140
3. Um crescimento económico “apertado” e uma crise inédita (1993-2016)	142
4. A atividade económica e a estrutura do emprego: os “excessos” de uma economia em desorganização	148
4.1. A população, o trabalho e o emprego: retrato de um país que retrocede	149
4.2. Os excessos de uma economia em desorganização: desindustrialização, terciarização e atividades imobiliárias	154

5. Uma dependência original e intensa nos anos 2000: a banca e o crédito no governo da economia	156
5.1. Dependência comercial e dependência financeira	156
5.2. Crédito e endividamento: a natureza da inserção externa da economia portuguesa	160
6. O mais estrutural dos problemas: desvalorização interna e geração de desigualdades	166
7. Conclusão: para que serve um país pobre?	173

#### CAPÍTULO 4. UNIÃO EUROPEIA: ONDE ESTAMOS HOJE? ESTA EUROPA QUE NOS DEPRIME...

1. Introdução	177
2. A construção europeia: um longo percurso a desmoronar-se ou uma insustentabilidade congénita?	179
3. A arquitetura institucional da União Económica e Monetária: a pulsão desintegradora que aprofunda a crise	185
4. A “governança económica” na União Europeia	192
5. Um retrato da fratura europeia: credores e devedores, domínio e dependência	196
5.1. Um grande credor e um grande devedor: Alemanha e Espanha	199
5.2. Dependência económica vs. dependência financeira	201
5.3. A fratura entre credores e devedores é recente e crescente e resulta de saldos comerciais	204
6. Estruturas económicas muito diferenciadas e com diferentes graus de consolidação: uma expressão da heterogeneidade europeia	206
6.1. A “intrigante” questão das paridades de poder de compra	208
6.2. Os sistemas produtivos	210
6.3. Remunerações e custos salariais	213
7. Conclusão: o que fazer com esta Europa?	216

#### CAPÍTULO 5. AS COISAS DE HOJE MESMO: PROBLEMAS E POSSIBILIDADES DE UMA ECONOMIA POLÍTICA DA RECUPERAÇÃO

1. Introdução	219
2. O que mudou e configura uma economia política da recuperação	221
3. Sete temas para discutir a sustentabilidade de uma economia política da recuperação económica e social	223
3.1. A economia como sistema de produção e de provisão qualificado: Portugal, país produtor e exportador de quê?	224

3.2. Precarização das relações laborais, degradação da relação salarial e custos do trabalho	228
3.3. Circulação de capitais e endividamento externo: a constricção maior	236
3.4. A dívida pública e a sua gestão: restrição permanente ou insustentabilidade?	239
3.5. Despesa pública e a política orçamental: um Estado eunuco ou uma economia política do desenvolvimento e da coesão?	244
3.6. O país é um ponto ou um território estruturado?	249
3.7. Há um caminho de desenvolvimento equilibrado e de sustentabilidade que enquadre a economia?	254
4. Conclusão	
CONCLUSÃO	261
BIBLIOGRAFIA	265